

DIAGNÓSTICO DO ATLETISMO ESCOLAR EM SANTA MARIA

LENCINA, Lysellenne de Avila; ROCHA Jr., Ivon Chagas da.

RESUMO

Esta pesquisa buscou subsídios que possam retratar de maneira fidedigna a situação atual do desporto Atletismo na cidade de Santa Maria – RS. A amostra deste estudo constou de sessenta escolas da rede municipal, estadual, particular e federal. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se um questionário, respondido pelos professores de Educação Física. Os dados obtidos foram analisados através da estatística e do referencial teórico. Com base nos resultados obtidos concluiu-se que: na maior parte das escolas de Santa Maria o atletismo não está contemplado no currículo devido a falta de infra estrutura, falta de interesse dos alunos e escasso número de competições; nas escolas onde é trabalhado o atletismo, a maior parte delas realiza um trabalho de iniciação e poucas possuem um trabalho na forma de equipes representativas; os professores consideram-se pouco capacitados para desenvolver um trabalho nesta modalidade. Os subsídios auferidos pela presente pesquisa possibilitam constatar que no momento atual a prática do desporto atletismo está pouco difundida nas escolas de Santa Maria.

Unitermos: desporto, atletismo, professores e escolas.

DIAGNOSIS OF TRACK AND FIELD AT SCHOOLS IN SANTA MARIA**ABSTRACT**

This research searched subsidies that can portray in trustworthy way the current situation in Athletics sport in the city of Santa Maria – RS. The sample of this study consisted of sixty schools of municipal, state, particular and federal network. As instrument of collection of data it was used a questionnaire, answered for the professors of Physical Education. The data which was gotten had been analyzed through the statistics and of the theoretical referencial. On the basis of the gotten results it is concluded that in the majority part of the schools of Santa Maria, track and field is not contemplated in the resume, due to infrastructure lack, lack of interest of the pupils and scarce number of competitions; in the schools where the Athletics is worked, most of them carries it through a set work and few possess a work in the form of representative teams; the professors consider themselves not well prepared to develop a work in this modality. The subsidies gained for the present research, make possible to evidence that at the current moment the practice of track and field isn't well spread out in the schools of Santa Maria.

Uniterms: athletics, sport, schools, and professors.

O ser humano é, em sua essência, um ser que interage, atua e constantemente, com o meio em que vive. Esta interação dá-se prioritariamente através de seu corpo e por isso a atividade física é fator intrínseco na sua formação.

De todas as atividades esportivas, pode-se dizer que as atividades pertencentes ao atletismo são as que mais se assemelham aos movimentos naturais, pois sua prática confunde-se com os movimentos essenciais da espécie. Afinal, ser atleta significa andar (marchar), correr, saltar, lançar e arremessar.

Neste contexto, o Atletismo pode aparecer tanto como um caminho para o desenvolvimento destes padrões inerentes à condição humana, justificando, assim, a importância do atletismo escolar, ou como um processo de refinamento e maximização destes movimentos, priorizando o aspecto competitivo através da otimização do desempenho motor.

O aprender é um processo básico na vida do homem e no desenvolvimento de sua personalidade enquanto ser social. Desta forma, o aprendizado do Atletismo nas escolas traz inúmeros ganhos no processo de formação dos jovens.

Segundo Sant (1993) através da prática do esporte a criança pode obter muitos benefícios sejam eles físicos, psicológicos ou sociais.

Em razão do reconhecimento de seus benefícios a prática do Atletismo deveria ser incentivada nas escolas, com caráter lúdico – pedagógico ou competitivo.

No Brasil o Atletismo Escolar surgiu com algumas décadas de atraso em relação aos Estados Unidos e outros países Europeus, e teve seu auge nos anos 70 e 80. Desta data em diante diversos fatores de ordem política, social e filosófica foram contribuindo para o esvaziamento desta prática desportiva no âmbito escolar.

Nos anos de desenvolvimento e de incentivo ao atletismo local, estadual e nacional, Santa Maria foi um centro atlético forte, com várias conquistas desde o nível estudantil até o adulto.

Ultimamente, porém, nota-se um declínio em relação a prática deste esporte no âmbito escolar. Em contrapartida, ressalta-se que no âmbito federado o Atletismo Santamarquense ocupa lugar de destaque no Estado do Rio Grande do Sul, especialmente nas categorias de base.

O trabalho aqui apresentado é resultado de uma pesquisa realizada junto às Escolas da Rede de Ensino de Santa Maria, RS, onde procuramos buscar subsídios que possam retratar fielmente a situação atual do esporte e que possa traduzir-se num diagnóstico do Atletismo Escolar em nossa cidade.

INTRODUÇÃO

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo descritivo.

A população alvo foram as escolas de Santa Maria, RS, da rede Municipal, Estadual, Particular e Federal, no ano de 1999. A amostra foi composta de 60 escolas.

O principal objetivo deste estudo foi o de buscar nas escolas subsídios que possam retratar a situação atual do desporto atletismo em nossa cidade.

Como instrumento de coleta utilizou-se um questionário que foi preenchido pelo professor de Educação Física da escola (foi entregue um questionário por escola). Este questionário constou de 17 questões, sendo 8 questões abertas e 9 questões fechadas.

Questionário Para Professores/Treinadores

1) O Atletismo faz parte do currículo de Educação Física da Escola?

Sim Não

Caso sua resposta seja negativa, justifique _____

SE VOCÊ RESPONDEU SIM, CONTINUE PREENCHENDO O QUESTIONÁRIO. SE RESPONDEU NÃO, OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO.

2) Em sua escola trabalha-se com o Atletismo não competitivo (nas aulas curriculares)?

Sim Não As Vezes

SE SUA RESPOSTA FOI POSITIVA DESCREVA AS PRINCIPAIS ATIVIDADES ATLÉTICAS DESENVOLVIDAS.

CASO SUA RESPOSTA SEJA NEGATIVA ASSINALE O POR QUÊ.

Carência de Instalações;

Falta de Capacitação Pedagógica;

Poucas Competições;

Outros _____

3) Caso fossem sanadas as dificuldades apresentadas acima seria desenvolvido um trabalho em atletismo na sua escola?

Sim Não

4) Em que locais desenvolve-se o trabalho em atletismo?

...atletismo escolar:

- () Próprios () Empréstados () Aberto () Fechado
 () Na Escola () Outros _____

- 5) Qual a natureza do local?
 () Quadra () Pista () Campo () Pátio
 () Outros _____

- 6) Em que turno desenvolve-se este trabalho?
 () Turno Escolar () Fora do Turno Escolar

7) Cite alguns detalhes técnicos importantes da corrida de velocidade.

8) Cite alguns detalhes técnicos importantes do arremesso de peso.

9) Qual metodologia (método) é normalmente utilizada para o ensino de atletismo em sua escola?

10) Sua escola tem equipe representativa de atletismo?

- () Sim () Não

SE SUA RESPOSTA FOI POSITIVA DIGA QUAIS NAIPES (SEXO) E CATEGORIAS.

11) Como são selecionados os alunos/atletas.

- () Voluntariado;
 () Biotipo;
 () Testes (Velocidade, Impulsão, Força e Resistência);
 () Outros _____

12) Quais os métodos de treinamento empregadas no trabalho com velocistas?

13) Quais os métodos de treinamento empregadas no trabalho com arremessadores?

14) A Escola ou o Professor possui bibliografia sobre Atletismo/Treinamento Desportivo?

() Sim () Não

Cite alguma(s) Obra (s) e o Autor (es) _____

15) O professor possui Curso(s) específico em Atletismo/Treinamento Desportivo?

() Sim () Não

SE SUA RESPOSTA FOI POSITIVA DIGA QUAIS.

16) O que ao seu ver dificulta o seu trabalho em Atletismo?

() Falta de Infra Estrutura

() Falta de Conhecimento

() Falta de apoio Institucional (Direção da Escola, Coordenação de Ed. Física)

() Outros _____

17) Dê sugestões que possam melhorar o desenvolvimento do Atletismo Escolar em Santa Maria.

Os dados coletados nos questionários foram apresentados sob forma de tabela e sob forma de percentuais.

Resultados e Discussão

Neste capítulo são apresentados e interpretados os resultados obtidos nesta pesquisa.

Os dados a seguir referem-se a situação do atletismo escolar.

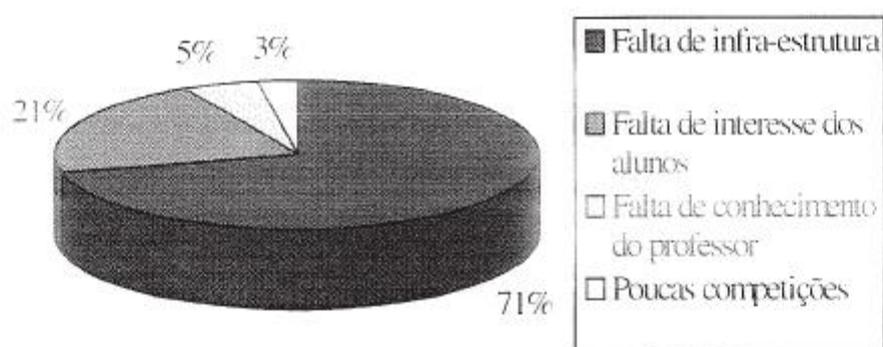
Tabela 1 – Presença do conteúdo Atletismo no Currículo de Educação Física das escolas - frequência e percentuais.

PRESENÇA DO CONTEÚDO ATLETISMO NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	(f)	%
Sim	22	36,67
Não	38	63,33
Σ	60	100

Observa-se na Tabela 1 que na maior parte (63,33%) das escolas de Santa Maria atingidas por este estudo o conteúdo atletismo não é contemplado no currículo de Educação Física. Em uma percentagem menor (36,67%) o atletismo é parte integrante do currículo de Educação Física da escola.

A Figura 1 mostra-nos os motivos listados pelos professores para justificar a não inclusão deste conteúdo no currículo escolar.

Figura 1 – Motivos que levam à não inclusão do atletismo como matéria do currículo escolar – Percentagem.

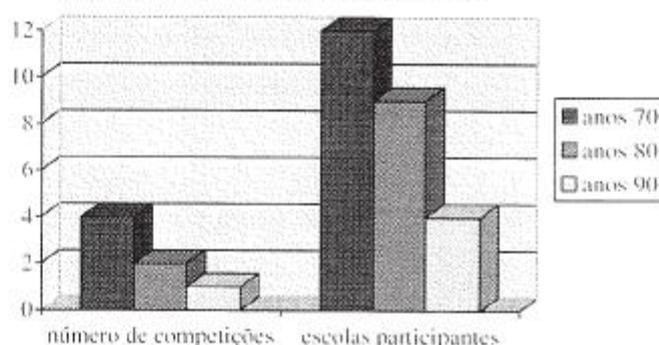


Através dos dados apresentados na Figura 1, os motivos que apresentam o maior percentual (71%) é a falta de infra-estrutura. De acordo com Oro (1984) a iniciação desportiva, é a rigor, uma atividade curricular. Uma minoria de escolas consegue oferecer a seus alunos toda a infra-estrutura necessária; em contrapartida a maioria das escolas públicas brasileiras sequer consegue oferecer espaço físico adequado para a prática desportiva. O professor deve ter iniciativa e criatividade para estimular o aluno e iniciar um trabalho de atletismo no âmbito escolar.

Outro motivo apresentado foi a falta de interesse do aluno pela modalidade. Segundo ORO (1984) os movimentos atléticos não são desinteressantes. O que pode torná-los assim é a sua interpretação e sistematização didática. Para deixá-lo mais atrativo o professor deve desenvolver um trabalho voltado para o lazer. E acrescenta que o atletismo é a modalidade esportiva mais acessível a uma iniciação esportiva para todas as crianças e jovens.

O escasso número de competições é outro motivo listado pelos professores. A Figura 2 mostra-nos que com o passar dos anos foram diminuindo o número de competições e de escolas participantes das mesmas.

Figura 2 – Número de competições anuais e escolas participantes nas décadas setenta, oitenta e noventa.



A Tabela 2 mostra-nos o número de escolas que desenvolvem um trabalho de atletismo durante as aulas curriculares

Tabela 2 – Escolas que desenvolvem um trabalho com o Atletismo durante as aulas curriculares - frequência e percentuais.

ESCOLAS QUE DESENVOLVEM UM TRABALHO COM O ATLETISMO DURANTE AS AULAS CURRICULARES	(f)	%
Sim	17	77,27
Não	1	4,55
Às Vezes	4	18,18
Σ	22	100

Analisando a Tabela 2 observamos que das 22 escolas nas quais o Atletismo está inserido no currículo, uma percentagem significativa (77,27%) trabalha sistematicamente com o Atletismo durante as aulas curriculares.

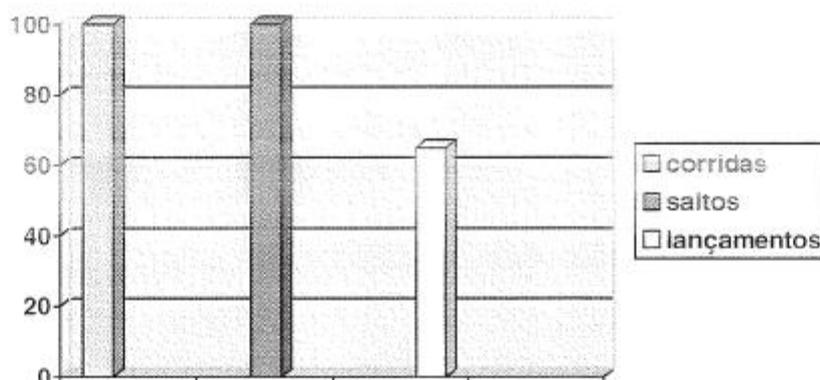
Existe entre estas escolas uma percentagem (18,18%) que “às vezes” desenvolvem este trabalho, e uma percentagem mínima (4,55%) que mesmo o Atletismo fazendo parte do currículo escolar não trabalham com esta modalidade durante as aulas curriculares.

Para Oro (1984) o planeamento da ação didática, na iniciação, além da usual distribuição dos conteúdos em bimestres, semestre ou anos letivos, não pode esquecer de identificar o atletismo como uma modalidade esportiva eclética. É essencial que desde o

começo o iniciante aprenda a ver o atletismo como um todo, através da prática paralela de corridas, saltos e lançamentos. Essa diretriz muitas vezes deixa de ser observada por vários professores, que freqüentemente preocupam-se com a parte técnica e de treinamento perdendo assim a oportunidade de “desmonotonizar” a aparência do atletismo, frente a criança e jovens, bem como de ampliar o engajamento voluntário nas variadas disciplinas atléticas.

A Figura 3 mostra-nos as principais atividades atléticas desenvolvidas nas escolas.

Figura 3 – Principais atividades atléticas desenvolvidas na escola



A Tabela 3 mostra-nos se a escola possui equipe representativa de atletismo.

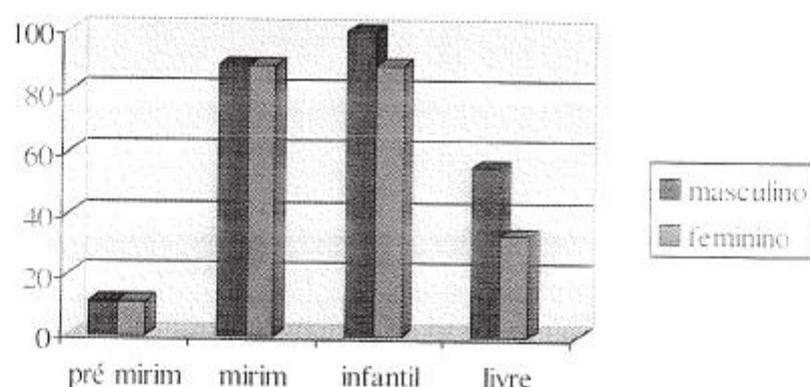
Tabela 3 – Equipe representativa de Atletismo da Escola - freqüência e percentuais.

EQUIPE REPRESENTATIVA DE ATLETISMO	(f)	%
Sim	8	38,10
Não	11	52,38
Não Responderam	2	9,52
Σ	21	100

De acordo com a Tabela 3, a maioria das escolas atingidas por este estudo (52,38%) não apresentam equipes representativas de atletismo, apenas trabalhando com iniciação atlética. Por outro lado, em percentagem menor (38,10%), existem escolas que mantêm equipes representativas e desenvolvem trabalho sistemático de treinamento.

Na Figura 4 serão apresentados os principais naipes e categorias trabalhados pelos professores das 38,10% escolas que possuem equipes.

Figura 4 – Percentuais dos naipes e categorias trabalhados nas escolas.



A Tabela 4 mostra-nos como os professores selecionam os alunos/atletas.

Tabela 4 – Como os professores selecionam os alunos/atletas - frequência e percentuais.

SELEÇÃO DOS ALUNOS/ATLETAS	(f)	%
Voluntariado	5	55,56
Voluntariado/Testes	2	22,22
Voluntariado/Biotipo	1	11,11
Voluntariado/Biotipo/Testes	1	11,11
Σ	09	100

Vários autores apresentam modos de selecionar talentos entre pessoas não treinadas. Para Hofmann & Schneider apud Weineck (1999) o processo de seleção inicia-se nas aulas de Educação Física.

De acordo com os dados da Tabela 4, o modo que os professores utilizam para selecionar os seus alunos/atletas vai desde o voluntariado até a seleção por meio de testes. Sendo que alguns professores utilizam mais de uma maneira para selecionar os seus alunos/atletas.

Os dados apresentados a seguir versam sobre os locais e a natureza do locais utilizados para a prática do atletismo e o turno em que as atividades são desenvolvidas.

Tabela 5 – Locais utilizados para a prática do Atletismo.

LOCAIS	(f)	%
Próprios	2	5,13
Emprestados	8	20,51
Abertos	11	28,20
Fechados	3	7,70
Na Escola	14	35,90
Outros	1	2,56
Σ	39	100

Como podemos observar na Tabela 6, o local mais utilizado para a prática do Atletismo é a escola (35,90%), sendo que apenas 5,13% se referem a esta área como sendo própria. Os locais abertos (28,20%) são mais utilizados que os fechados (7,70%). Este fato justifica-se, pelo fato das atividades atléticas serem desenvolvidas predominantemente ao ar livre, pode-se desenvolver estas atividades em locais fechados mas o universo de atividades ficaria limitado.

Tabela 6 – Natureza do local para a prática do atletismo – percentagem.

NATUREZA DO LOCAL	(f)	%
Quadra	10	22,73
Pista	9	20,45
Campo	10	22,73
Pátio	12	27,27
Outros	3	6,82
Σ	44	100

Natureza do local é o tipo de local utilizado para a prática. Para Kirsch & Koch (1984) podemos desenvolver nossas aulas de atletismo em áreas livres do pátio da escola, quadras, áreas com aclives ou pistas.

De acordo com os "PCN" e os "PRN" turno escolar é o período em que os alunos estão na escola. A Tabela 7 mostra-nos o turno escolar em que as atividades atléticas são desenvolvidas.

Tabela 7 – Turno em que o trabalho é desenvolvido – percentagem.

TURNO EM QUE O TRABALHO É DESENVOLVIDO	(f)	%
Turno Escolar	15	71,43
Fora do Turno Escolar	5	23,81
Ambos	1	4,76
Σ	21	100

Neste tópico os resultados buscam verificar o grau de conhecimento do professor na área do atletismo.

Corridas de velocidade

Ao se realizar a análise deste item constatou-se que, relativamente ao conhecimento dos detalhes técnicos das corridas de velocidade, os professores inquiridos divergiram muito em suas respostas. Enquanto alguns descreveram com precisão muitos dos detalhes técnicos como: posição no bloco de partida; inclinação do tronco; elevação do joelho entre outros. Outros porém descreveram-nos de maneira superficial e genérica. Ainda alguns enfocaram apenas fases da corrida de velocidade como por exemplo: partida, aceleração e chegada. Outros citaram as capacidades condicionais e as capacidades coordenativas importantes para as corridas de velocidade, fugindo totalmente da questão. Houve ainda um grupo de professores que não responderam a este item.

Dos 21 profissionais que responderam a este questionamento 28,57% citaram como detalhes técnicos a saída, o desenvolvimento da corrida e a chegada. Para Seagrave (1996), Pascua (1994) e Berenguer (1970) estes itens constituem fases do desenvolvimento de uma corrida de velocidade, não relacionando-os como detalhes técnicos.

Por outro lado 47,62% dos professores que citaram acertadamente alguns detalhes técnicos da corrida de velocidade. As principais respostas dadas pelos professores foram em relação à inclinação do tronco, elevação do joelho durante a corrida e movimentação dos braços. Estes itens apontados pelos professores vão ao encontro da literatura especializada, Sant (1993), Pascua (1994) e Schmolinsky (1982) apontam como os

principais detalhes técnicos da corrida de velocidade: a ação dos membros inferiores; ação dos membros superiores; a posição do tronco e da cabeça.

Arremesso de peso

Da amostra que fez parte deste estudo, com frequência de 21 escolas, um percentual de 47,62% dos professores respondeu a este questionamento citando entre duas à quatro fases do arremesso de peso. Destes professores um percentual de 50% descreveu as fases e o restante somente citou.

De acordo com a revisão de literatura vários autores entre eles Bravo (1993), Sant (1993), Schmolinsky (1982) e Berenguer (1970), dividem o arremesso de peso em fases e descrevem os principais aspectos de cada uma. As fases segundo Schmolinsky (1982) são: empunhadura; posição inicial; deslocamento; fase final e reversão.

Houve, também, uma percentagem mínima (9,52%) de professores que explanaram que é preciso trabalhar velocidade no arremesso de peso aliada a muita força do arremessador. Para Schmolinsky (1982) no arremesso o desenvolvimento da força e da velocidade facilitam o processo de aprendizagem e permite a obtenção de boas marcas. O equívoco dos professores foi que velocidade e a força não são detalhes técnicos e sim capacidades condicionais importantes no trabalho com arremessadores.

Houve um percentual elevado de professores (42,86%) que não responderam a este questionamento. Tal fato pode ter sido motivado pelo não conhecimento desta prova atlética e o receio de se expor.

A Tabela 8 mostra-nos a metodologia utilizada pelos professores.

Tabela 8 – Metodologia utilizada pelos professores – percentagem.

METODOLOGIA	(f)	%
Teoria e depois Prática	6	28,57
Global	2	9,52
Global para o Individual	2	9,52
Demonstrativo Explicativo	2	9,52
Parcial	1	4,80
Abordaram sobre Treinamento Desportivo	2	9,52
Não Responderam	6	28,57
Σ	21	100

Percebe-se na Tabela 9 que o método mencionado com maior frequência foi o de uma abordagem teórica inicial seguida da prática.

Este resultado mostra-nos que a metodologia utilizada por estes professores pode ser inserida em uma das considerações de Schmolinsky (1982), que utiliza como um dos métodos educativos o método de transmissão do conhecimento que pode ser por meio de filmes ou de outros meios visuais.

No item métodos de treinamento a amostra caiu para oito escolas.

Métodos de treinamento com velocistas

Dentro da amostra descrita nesta pesquisa uma frequência de oito escolas, apenas (37,5%) dos professores quando solicitado que descrevessem os métodos de treinamento utilizados, assim o fizeram. Por outro lado um percentual de (62,5%) dos professores não descreveram os métodos, simplesmente mencionaram quais as fases da corrida que são trabalhadas, não especificando o método utilizado.

Métodos de treinamento para arremessadores

Das 8 escolas que trabalham com equipes, uma percentagem significativa de professores (37,50%) não descreveram os métodos de treinamento que utilizam e responderam a este questionamento de forma abrangente e genérica, apontando as fases do arremesso como: posição de partida, deslocamento, lançamento e reversão. Houve, também, uma percentagem (25%) de professores que nem responderam a esta pergunta.

Na Tabela 9 serão apresentados dados referentes a existência, ou não, de literatura sobre atletismo na escola ou com o professor.

Tabela 9 – Existência de Bibliografia sobre Atletismo na escola ou com o Professor – percentagem.

POSSUI BIBLIOGRAFIA	(f)	%
Sim	14	66,67
Não	7	33,33
Σ	21	100

Como podemos constatar, na Tabela 9, nem todos os professores que desenvolvem um trabalho em atletismo tem à sua disposição qualquer referencial teórico a respeito do assunto, uma vez que apenas 66,67% destes possuem tal bibliografia e o restante 33,33% não dispõem deste importante instrumento para o desenvolvimento do seu trabalho.

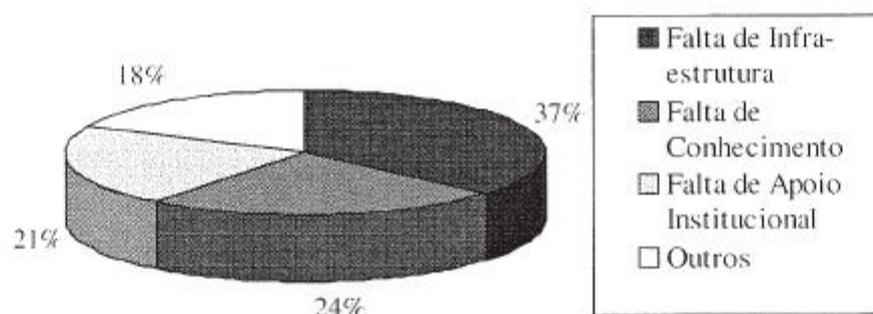
Tabela 10 – Cursos específicos em atletismo/treinamento desportivo – percentagem.

CURSOS ESPECÍFICOS EM ATLETISMO/TREINAMENTO DESPORTIVO	(f)	%
Sim	8	38,10
Não	13	61,90
Σ	21	100

De acordo com os resultados observados na Tabela 10, fica evidente a falta de um maior aperfeiçoamento dos professores que desenvolvem um trabalho com as atividades atléticas, uma vez que a maior percentagem destes professores 61,90% não possuem nenhum aperfeiçoamento na área do atletismo.

Questionados a respeito das maiores dificuldades para desenvolver o trabalho com o atletismo, os 21 professores que desenvolvem um trabalho nesta modalidade citaram inúmeras dificuldades encontradas. Para uma melhor compreensão a Figura 6 demonstra em percentuais a ocorrência destas citações.

Figura 6 – Dificuldades mencionadas pelos professores.



Como observamos na Figura 6, o motivo que mais dificulta o trabalho do professor nesta modalidade é a falta de infra-estrutura. Outros motivos citados pelos professores foram a falta de conhecimento e o apoio institucional. Houve ainda professores que citaram outras dificuldades entre elas: falta de material didático; falta de competições no âmbito escolar; falta de tempo específico para este trabalho; falta de um programa mais abrangente que atenda a todos os alunos e não a clubes; falta de segurança; falta de interesse e motivação por parte dos alunos;

Neste tópico serão apresentadas as sugestões dos professores para melhorar o atletismo escolar em nossa cidade

- melhorar o nível de conhecimento dos profissionais;
- melhorar as condições físicas das escolas;
- mais atividades entre escolas particulares;
- mais cursos de aperfeiçoamento voltados para a escola;
- maior intercâmbio do Centro de Educação Física com as escolas;
- promover encontros ou festivais de atletismo;
- complexos poliesportivos na comunidade;
- maior divulgação da modalidade;
- desenvolvimento do atletismo em um número maior de escolas;
- professores com mais disposição para desenvolver um trabalho nesta modalidade;
- mais competições;
- valorização da modalidade;
- definir com antecedência um calendário de competições;
- projetos da UFSM/CEFD nas escolas públicas, e
- construção de um centro olímpico.

Constatou-se no relato destas sugestões que existe uma grande preocupação dos professores que atuam com o atletismo, no que diz respeito a falta de infra-estrutura, aperfeiçoamento e falta de apoio dos órgãos competentes dentre eles a universidade e a prefeitura.

CONCLUSÃO

O atletismo não está contemplado como matéria curricular em grande parte de nossas escolas. As justificativas apresentadas pelo professor para não incluir este esporte no currículo é a falta de infra-estrutura, falta de conhecimento, falta de interesse dos alunos e escasso número de competições no calendário esportivo.

Constata-se que nas escolas que contemplam o atletismo como componente

curricular o trabalho realizado é basicamente de iniciação, contemplando as corridas e os saltos.

Do universo de escolas que trabalha com o atletismo (21) um reduzido número (8) desenvolve um trabalho de formação e treinamento de equipes representativas. Destas verificou-se, através de análises a resultados das últimas competições, que somente três representaram suas escolas nas competições municipais.

A falta de capacitação técnica é um dos fatores apontados pelos professores como o que mais dificulta o trabalho de atletismo pela falta de reciclagem e cursos de aperfeiçoamento. Constatou-se que o número de professores realmente capacitados e em condições de exercer um bom trabalho na modalidade é muito pequeno. Verificou-se, também, pela análise do material bibliográfico citado pelos professores que o nível de conhecimento apresentado por estes é insuficiente e desatualizado.

Os fatores apontados, como sendo os que dificultam o trabalho do atletismo nas escolas, são os mesmos citados tanto por aqueles que não realizam trabalho algum, como por aqueles que, apesar desta dificuldade procuram alternativas e mesmo assim desenvolvem um trabalho com esta modalidade.

Em termos gerais pode-se concluir que o desporto Atletismo é pouco difundido nas escolas de Santa Maria. As atividades com este desporto, hoje resumem-se a pouquíssimas escolas onde os professores realizam um trabalho quase artesanal e existe apenas uma competição anual em nível municipal, fator em si desmotivante tanto para os professores como para os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTON & LOPEZ. La formación y aprendizaje de la técnica y la táctica. In: GARCIA, J. L. A. (Org.) **Entrenamiento deportivo en la edad escolar**. Málaga, 1989.
- BARBANTI, V. J. **Teoria e prática do treinamento desportivo**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda, 1993.
- BELTRAME, V., CANFIELD, M. S. O espaço destinado a prática de educação física na rede municipal de ensino de Santa Maria. **Anais da II Jornada Integrada de Pesquisa, Extensão e Ensino da UFSM**, Santa Maria, 1995.
- BERENQUER, R. **Atletismo – Técnica enseñanza entrenamiento**. Buenos Aires: Stadium, 1970.
- BILLOUIN, A. **Atletismo I**. Barcelona: Hispano Europea, 1985.
- BRAVO, J., PASCUA, M., BALLESTEROS, J. M. **Atletismo I - Carreras**. Madrid: Real Federación Española de Atletismo, 1994.
- BRAVO, J., MARTÍNEZ, J. L., DURÁN, J., CAMPOS, J. **Atletismo III - Lanzamientos**. Madrid: Comité Olímpico Español, 1993.

- BRUM, E.S.F., REGINATO, F. M. **Premio liselott diem de literatura desportiva**. SEED/MEC, 1981.
- COPETTI, F. **O desenvolvimento de crianças de Teutônia, interpretado através do paradigma ecológico-humano**. Santa Maria, 1996. (Dissertação de Mestrado).
- DAMÁSIO, J. **o atletismo jogado**. 1995. Artigo retirado da internet. www.fpatletismo.pt/atle-esc/atl-jogado/o-atletismo-jogado.htm.
- DYSON, G. H. G. **Mecanica del atletismo**. Madrid: INEF, 1978.
- ECKERT, H. M. **Desenvolvimento motor**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1993.
- FLEURIDAS, C., FOURREAU, W., HERMANT, P., MONNERET, R. **Tratado de Atletismo – Lanzamientos** (Jabalina, Peso, Disco, Martillo). Barcelona: Hispano Europea, 1986.
- GALLAHUE, D. L., OZMUN, J. C. **Understanding motor development: infants, children, adolescents, adults**. Indianapolis: Brown & Benchmark Publishers, 1995.
- GALLAHUE, D.L. **Understanding motor development: infants, children, adolescents**. 2. ed. Indianapolis: Benchmark Press, 1989.
- GRANDI, G. Situazione Dell'atletica Giovanile Italiana. **Revista Atleticastudi**, Roma, ano 25, p. 86, 1994.
- GULINELLI, M., MADELLA, A. Exercícios de Atletismo e Meios Gerais de Treino. **Revista Horizonte**, n. 60, p. 224-229, 1994.
- JONATH, U., HAAG, E., KREMPEL, R. **Atletismo 2 – Lançamentos e provas combinadas**. Lisboa: Casa do Livro, 1983.
- KIRSCH, A., KOCH, K., ORO, U. **Antologia do atletismo – metodologia para iniciação em escolas e clubes**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1984.
- LAUNDER, A. Atletismo escolar: um enfoque realista de la enseñanza. **Revista Stadium**, n. 171, p. 29 – 32, 1995.
- LIZAUR, P., MARTIN, N., PADIAL, P. La Formacion y Desarrollo de las Cualidades Fisicas. In: GARCIA, J. L. A. (org.) **Entrenamiento desportivo en la edad escolar**. Málaga, 1989.
- MARQUES, A. Metodologia do desenvolvimento da força, da velocidade, da flexibilidade e da resistência na escola. **Revista Horizonte**, n. 27, p. 79-85, set./out. 1988.
- MARQUES, A. O desenvolvimento das capacidades motoras na escola. **Revista Horizonte**, n. 66, p. 212-216, 1995.
- MEC. **Terminologia da Educação Física e Desportos**. Brasília, 1978.
- MEINEL, K. **Motricidade I – Teoria da motricidade esportiva sob o aspecto pedagógico**. Rio de Janeiro: Livro Técnico S/A, Industria e Comércio, 1984.
- MEINEL, K. **Motricidade II – O desenvolvimento motor do ser humano**. Rio de Janeiro: Livro Técnico S/A, Industria e Comércio, 1984.
- MIRANDA, N. **200 Jogos Infantis**. Itatiaia, Belo Horizonte.

- MITRA, G., MOGOS, A. **O desenvolvimento das qualidades motoras no jovem atleta**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.
- NETO, C. A criança e a actividade desportiva. **Revista Horizonte**, n. 60, p. 203-206, 1994.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS TERCEIRO E QUARTO CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Educação Física**. Brasília, 1998.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Educação Física**. Brasília, 1997.
- RAYA, A. Técnicas, métodos y estilos de enseñanza. GARCIA, J. L. A. (org.) **Entrenamiento deportivo en la edad escolar**. Málaga, 1989.
- SANT, J. R. **Metodología del Atletismo**. Barcelona: Paidotribo, 1993.
- SEAGRAVE, L. La velocidad desde el punto de vista de un entrenador americano. In: DUCAL, J. B. (org.) **Cuaderno de atletismo. Desarrollo de la velocidad**. Madrid: Real Federación de Atletismo, 1996.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Resultados oficiais dos Campeonatos Municipais de Atletismo (1973-78)**.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Resultados oficiais dos Jogos Municipais Anti-fumo (1995-99)**.
- SCHMOLINSKY, G. **Atletismo**. Lisboa: Estampa, 1982.
- SCHROTER, G. Problemas Metodológicos sobre el desarrollo de las destrezas. **Revista Stadium**, ano 26, n. 153, p. 27-32, 1992.
- SILVA, H. Capacidade Coordenativas no Atletismo. Dossier. **Revista Horizonte**, v. IX, n. 52, 1992.
- TANI, G., MANOEL, E. J., KOKUBUN, E., PROENÇA, J. E. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: E.P.U., 1988.
- THOMPSON, P. **Introdução à teoria do treino**. 1991.
- WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999.
- WINTER, R. La Fasi Sensibili. **Revista di Cultura Sportiva**, ano 12, n. 28-29, p. 122-129, 1993.
- 8º DE. **Resultados oficiais dos Jogos Escolares da Primavera** (mimeógrafo). 1976-78.
- 8º DE. **Resultados oficiais dos Jogos Imembuí** (mimeógrafo). 1970-82.

